

## A CONSCIÊNCIA

Nuno Serras Pereira

O testemunho da Verdade — “conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará” —, a formação das consciências, é seguramente uma das urgências prioritárias nos dias que correm.

Nos dias de hoje a consciência é entendida como mera opinião, convicção ou decisão. Assim, seguir a consciência seria agir de acordo com as próprias convicções independentemente da conformação destas com a verdade. Esta, aliás, pensa-se, ou não existe, ou não se pode conhecer, ou é inventada, fabricada, por cada um. A decisão surge pois como produtora da realidade. Isto é bom *porque eu decido* que é bom e aquilo é mal porque eu decido que é mal. O homem seria, assim, mera liberdade auto-criadora, infinitamente plástica, sem fundamento algum numa verdade anterior e superior a ele. Deste modo, a consciência perde o seu carácter universal e, por isso, a capacidade de unir os homens, passando a ser factor de divisão, já que pode “dizer”, ou decidir, não só coisas diferentes como totalmente incompatíveis entre si.

Apesar de escritas no século passado estas palavras de Newman parecem ganhar, hoje, toda a actualidade: “No nosso tempo declarou-se uma guerra encarniçada, diria, quase, uma conspiração contra os direitos da consciência... Por direito da consciência entendem o direito de pensar, de falar, de escrever e de actuar segundo o seus caprichos, sem pensarem, minimamente, em Deus... Hoje, para uma grande parte do nosso público, precisamente o direito e a liberdade de consciência, dispensam da consciência” (J. H.

Newman, *Letter to the Duke of Norfolk*, chap. V., in *Difficulties of Anglicans*, II, London 1877).

Ora a consciência recta é um órgão que escuta a verdade sobre o bem da pessoa e formula *juízos* sobre cada acção concreta, indicando o bem a praticar e o mal a evitar.

A consciência verdadeira é o núcleo mais secreto, o sacrário do homem, onde este se encontra a sós com Deus, para escutar a Sua voz e acolher a verdade do seu ser, a sua estrutura interna, a sua identidade, isto é, a lei inscrita por Deus no seu coração, à qual é chamado a obedecer e segundo a qual será julgado.<sup>1</sup> Podemos dizer que a consciência é: 1. um “ouvido”, uma instância de acolhimento, que *escuta a verdade*; 2. um “olhar”, isto é, um *juízo*, lançado sobre a realidade que a) *percebe* o bem a fazer e o mal a evitar e b) *avalia* (ajuíza) a bondade ou maldade de uma acção realizada; 3. uma força que *move* e empuxa a realizar o bem e a evitar o mal.

A consciência não obriga, pois, por si mesma, mas porque mostra a vontade de Deus. Não dita um preceito seu, mas de Deus, como um arauto que divulga um édito do rei (s. Boaventura). Pode, porém, ensurdecer ou enganar-se nos seus juízos, tornando-se errónea: Deus contradiz-se? Proíbe algo a alguém, mesmo à custa do martírio, enquanto autoriza

---

<sup>1</sup> Cf. Gaudium et Spes 16

ou exige a outro que cumpra a mesma acção? Claramente não se pode identificar cada juízo da consciência individual com a voz de Deus (J. Ratzinger). Já o Concílio Vaticano II advertia que a consciência pode errar quer por ignorância invencível quer porque o homem não cuidando de procurar a verdade e o bem, aos poucos, pelo hábito do pecado, torna a consciência quase cega (GS 16).

Por isso, “Não basta dizer ao homem: ‘segue sempre a tua consciência’. É necessário acrescentar imediatamente e *sempre*: ‘*pergunta-te se o que a tua consciência diz é verdadeiro ou falso e procura incansavelmente conhecer a verdade*’. Se esta necessária precisão não fosse feita, o homem arriscar-se-ia a encontrar na sua consciência uma força destruidora da sua humanidade verdadeira em vez do lugar santo onde Deus lhe revela o seu verdadeiro bem.” (João Paulo II). “O Magistério da Igreja encontra-se entre os meios que o amor redentor de Cristo providenciou para evitarmos este perigo de erro [consciência errónea]. Em Seu nome, o Magistério possui uma autoridade verdadeira e própria para ensinar” (João Paulo II, Discorso del Santo Padre Giovanni Paolo II al II congresso Internazionale di teologia morale, “*Humanae Vitae*”: 20 anni dopo – Atti del Congresso Internazionale di Teologia Morale (Roma, 9-12 novembre 1988), Ares 1989, p. 9).

Por isso a atenção e a fidelidade ao Magistério da Igreja, *instituído para o serviço, ou seja, para a formação das consciências*, afigura-se da maior importância. De facto é o único e mesmo Deus que sussurra ou brada na consciência e ensina ou guia pelo Magistério — “Quem vos ouve, a Mim Me ouve e quem vos rejeita a Mim rejeita”: “O sentido do que é recto e do desordenado — elemento primeiro da religião — é tão delicado, tão vacilante, tão facilmente confundido, obscurecido, pervertido, tão subtil nos seus métodos argumentadores, tão impressionável por factores educativos, tão influenciado pelo orgulho e pela paixão, tão flutuante e instável no seu percurso, na luta pela existência no meio dos diversos exercícios e triunfos da razão: um sentido, em suma, que é a mais elevada das sabedorias, mas a menos luminosa. Por isso a Igreja, o Papa, a Hierarquia são – no projecto divino – o auxílio que Deus providencia para satisfazer esta nossa necessidade tão urgente.” (J. H. Newman, *Letter to the Duke of Norfolk*, in “Certain Difficulties Felt by Anglicans in Catholic Teaching”, vol II, Christian Classics, Westminster 1969, p. 240).